



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

FOI-SE O AMAR TEU

Autor(es)

FELIPE MARCONDES DA COSTA

Contos / Cricas

*Somos seres descontínuos,
indivíduos que morrem isoladamente
numa aventura ininteligível,
mas temos a nostalgia
da continuidade perdida.*

Bataille

Em uma das vias estreitas que trespassava meu caminho do dia-a-dia frequentemente encontrava uma menina com seus doze anos. Em nossos primeiros encontros restringia-se a me vigiar respeitosamente com o olhar e o teso corpo delgado, mas não demorou para que se soltasse e, já mais abusada, deixasse a formalidade de lado e passasse a seguir meus passos, sempre demonstrando vívido interesse quando de minha passagem. Seus olhos e seu andar eram consideravelmente experimentados para sua idade, e harmonizavam notavelmente com seus lisos cabelos negros penteados para a esquerda de um modo muito particular. Daí em diante isso se passou constantemente, mas sem alcançar maior relevância, pois a menina deixou de representar algo extraordinário para se tornar parte de meu caminho.

No entanto certa tarde, no instante em que o sol se recolhia, isso se interrompeu bruscamente. Ela me seguia como era hábito quando um braço vigoroso, que não tive tempo de identificar como masculino ou feminino, puxou-a pelos cabelos e a colocou para dentro por uma portinha. Pude reconhecer ainda o som oco de um tapa. Depois disso não ouvi mais nenhum pio enquanto me afastava.

No dia seguinte, como se nada tivesse acontecido, estava ela outra vez me seguindo, mas o que então me passava quase que despercebido, chegando até a ser um ponto de desinteresse, já não podia deixar de me gerar certo incômodo, pois inevitavelmente associava sua figura ao andrógono braço agente das agressões. Sempre que meu caminho avançava para além de sua rua ela refreava o passo e se contentava em me observar na caminhada até me perder de vista. Essa foi a rotina durante um incerto tempo, até o dia em que ela subitamente tomou minha frente logo que apontei em sua rua e sincronizou seu andar ao meu. Este então deixou imediatamente de ser leve e gracioso e passou a nervoso e canhestro. Não sabia o que fazer, aquele rompimento com o usual não estava programado. Se eu experimentasse me apressar, ela igualmente acelerava o passo, já se me detivesse, ela por sua vez estacaria: nisso residia toda inocência de uma infância fugidia. Quando chegou ao limite da rua, girou habilmente sobre si mesma e me surpreendeu com uma encarada desconcertante. Diante do surpreendente movimento, não pude evitá-la. Seus olhos eram tanto avermelhados quanto astutos. Certamente tinha algo para dizer, por isso apumou-se, mas as palavras visivelmente lhe fugiam. Quando enfim concentrou toda a coragem, foi capaz de perguntar "Que horas são, por favor?" Não obstante sua pálida beleza, nem me dei ao trabalho de responder, dizendo que não tinha celular – reação mecânica adquirida para evitar roubos –, e parti sem olhá-la nos olhos.

Foram essas as únicas palavras que trocamos, já que após minha fuga apressada não mais houve encontros entre a precoce menina e o rapaz desconfiado. Mas não é a essa resposta automática que se resume nossa incomum estória em comum, ao menos em minha imaginação, pois desde então a sondo doentamente. De impassível a irascível, passei a me preocupar com o que aconteceu, com o que pode ter acontecido e com o que é possível – mas não verossímil – que venha a acontecer. Para tanto, nem ousou mais passar por sua rua, aquela que antes era só mais uma rua em meu caminho e agora é sua rua, pois isso mais atrapalharia que seria útil.

Realmente é impossível saber quando nos veremos, já que ambos entregamos nossos passos ao acaso. E se ainda espero alguma coisa é unicamente que no dia em que nos encontrarmos – pois é certo que este dia chegará –, ao cruzarmos rapidamente

nossos olhares, mesmo que os passos não se sincronizem como outrora, que não ajamos como dois estranhos e sigamos indiferentes em nossas aparências ordinárias a fim de dissimular o surto que se abaterá sobre nós e que nos impelirá ao desfalecimento – ao que resistiremos estoicamente. Não se envergonhe ao rodopiar com os olhos e se tornar pensativa, nem mesmo de estacar atônita, pois eu não me censurarei e me permitirei devaneios com aviltantes desdobramentos. E que jamais evitemos o caminho um do outro, saindo pela tangente ou pegando a transversal em detrimento das paralelas, porque o que então tirará nosso equilíbrio outrora representou a tênue linha entre o apreço e a fuga. E que jamais nos tornemos insensíveis aos outros como os outros o são quanto a nós, caso contrário serei obrigado a cegar seus olhos clarividentes de modo brutal. Por respeito, não me obrigue a tal conduta, da qual por certo me arrependeria mais tarde.

Dessa instigante série de extravagâncias, ficam meus passos padecendo na rigidez mortal e as tardes desaparecendo impassíveis, sem proporcionar o fantástico espetáculo de cores do lusco-fusco, mas naquela que ousou dar liberdade à vista é possível que permaneça alguma lembrança do desengonçado rapaz que dava às costas tortas à oportunidade de salvação que se lhe apresentava unicamente para seguir imerso em sua desesperança forjada, aparentando não saber o que era nem como deveria fazer para expressar o que tinha por necessidade expressar, e ainda persista a esperança de um novo reencontro.

Mas do que sei? É possível que essa menina me iludisse por meio de sua aparência e puerilidade que evidenciava no gestual, não sendo portanto digna de qualquer fixação. Sob seu invólucro inocente talvez encerrasse um forte senso adulto e os prazeres do vício. Próximo à sua rua pude avistar em mais de uma ocasião um desfile de mulheres da vida oferecendo seus serviços indistintamente, inclusive estendendo o convite a mim, sujeito abatido pelo destino em um início de noite. Em outras condições, seriam crianças puras de doze aos quinze anos cuja brincadeira representaria a esperança de suas famílias, mas em tais circunstâncias eram somente mulheres da vida, coisa vergonhosa e horrível de se ver, o símbolo maior de degradação da higiene do bairro. Reforçava ainda essa hipótese a agressão do braço andrógono. Aquele ataque não poderia ter sido gratuito, não diante da passividade com a qual fora recebido.

Mas e se fosse de fato uma criança, vítima dessa instituição regidamente fracassada conhecida por família? E se de fato fosse inexperiente e lembrasse com algum apreço de minha figura? A inclinação romântica que me é peculiar me torna propenso às idealizações e meu caráter exaltado me põe hiperbólico, por isso tendo a imaginar à distância essa alma que se me revela pura. É capaz até que se tratasse de uma imagem sagrada. Sim, é isso o que sua figura indicava! Desde o começo logo vi! Apenas o obscuro meio profano confundiu a vista do sagrado. Bendita sois vós entre as mulheres! Claro, era uma santa, não havia mais dúvidas. Dúvidas?

Vê o que nossos descompromissados encontros foram capazes de fazer com minha cabeça? Maldita rua sem saída pela qual tantas vezes entrei e saí. Vê em que ânimo esse sonho me colocou? Que desapareção! Tudo que rogo é para que conserve essa imagem que concebi para ti e não se torne como as outras mulheres, tampouco se una aos que são dados aos gritinhos, pois a mim só o silêncio apazigua – quem venha a ler estas palavras ferventes em tom histérico talvez descredite da afirmação anterior, mas se algum olhar me alcançasse veria alguém calado, mesmo resignado, em sua solidão. Mas no caso de não cumprimento de minhas determinações, para seu bem é melhor que não cruze meu caminho, pois eu acabaria por perder a razão há muito perdida. Poderia, valendo-me da ternura que não é própria ao homem conquistador que se impõe pela força bruta, atacar contra sua condição santificada. Poderia acariciar seu peito com meus dedos oblongos e privá-la das possibilidades inerentes à coragem. Poderia com algumas palavras demovê-la da ilusão do amor, e poucas palavras mais seriam necessárias para tornar certos caminhos inalcançáveis, desgraçando-a pelo resto da vida. Poderia quem sabe até, em um momento de desvario, dominá-la pela retaguarda, prendendo e puxando com violência seus cabelos para trás, machucando seu coro cabeludo, rasgar seu manto – só não sei se subiria ou baixaria sua saia – e amolecer o que é rijo e engessar o que é macio em você, maculando sua carne, cujo hálito não recende a porra, cujas pernas ainda não estão maltratadas pelas marcas de depilação, cujo rosto ainda não está molestado pelas marcas de expressão e ainda assim não é inexpressivo, e deflorá-la com um cajado ao mesmo tempo em que te açoito com uma robusta sempreviva, isso tudo não sem antes urinar generosamente em teu ventre.

Então menina, por tudo isso, quando nos encontrarmos faça como quiser. Sem derramar uma lágrima que refrescaria a face lívida, retire o crepúsculo de minhas tardes, prive meus passos de seu olhar e, por fim, relegue minhas caminhadas isoladas ao abandono, elevando assim minha palidez sepulcral em contraste com o violeta sobre os olhos – até as olheiras caíam bem em Dean, mas não em mim. Aceito tal condição de bom grado pois, até os dias de hoje, é nobre dedicar a vida a outrem para assim conservar a esperança de que toda humanidade vale a pena, já que ainda resta um que o valha e justifique toda a esperança. Que a paz esteja conosco.

Felipe Gump